

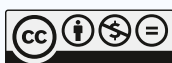
* Sacerdote Palotino (Sociedade do Apostolado Católico); Bacharel em Filosofia pelo Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento/RJ (1999); Bacharel em Teologia pelo Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento/RJ (nível eclesiástico – 2003, convalidação – 2015); Bacharel em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana – Roma/Itália (2008); Mestre em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana – Roma/Itália (2010); Doutor em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana – Roma/Itália (2015); Assessor da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB.

Email: danielrocchetti@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1247-1171>

Recebido em 26/06/21

Aprovado em 16/08/21



O “PERMANECER NO AMOR” (CF. Jo 15,9) PARA SER MISSÃO

A autêntica Espiritualidade Cristã é elemento imprescindível para a identidade missionária da Igreja e de cada fiel cristão

TO “STAY IN LOVE” (CF. JN 15:9) TO BE MISSION

Authentic Christian Spirituality is an essential element for the missionary identity of the Church and of every Christian believer.

*Daniel Luz Rocchetti**

Resumo: O artigo se propõe apresentar a missão como fruto mais autêntico de uma espiritualidade cristã. Partindo da reflexão missiologia atual que apresenta o conceito de *Missio Dei*, no qual reconhece-se em Deus a fonte da missão e essa um atributo da divindade. Neste transbordamento divino sobre a criação e a humanidade, Jesus Cristo é o ápice da missão de Deus. E é a partir d'Ele que Igreja e cada fiel torna-se um colaborador da e na *Missio Dei*. Assim para o fiel em particular, é a partir do encontro com Jesus Cristo, que se decide como seu discípulo, busca-se configurar-se a Ele para que Ele mesmo continue a Sua missão. Percorrendo os documentos missionários do Magistério Pontifício recente e alguns documentos missionários da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, descobre-se a importância de ‘permanecer no amor’ de Deus, isto é, em comunhão e fidelidade a Ele para ser um missionário, seja doando a vida, rezando pelas missões ou contribuindo com elas.

Palavras-chave: Espiritualidade Missionária. *Missio Dei*. Magistério Missionário. Identidade.

Abstract: The article proposes to present the mission as the most authentic fruit of a Christian spirituality. Starting from the current missiology reflection that presents the concept of *Missio Dei*, in which the source of the mission is recognized in God, and the mission, an attribute of divinity. In this divine overflow on creation and humanity, Jesus Christ is the culmination of God's mission. And it is from him that the Church and every believer becomes a collaborator of and in *Missio Dei*. Thus, for the faithful, it is from the encounter with Jesus Christ himself, which one decides to follow as his disciple, seeking to configure himself to him so that He himself may continue His mission. Through the missionary documents of the recent Pontifical Magisterium and some missionary documents of the National Conference of Bishops of Brazil, one discovers the importance of 'remaining in the love' of God, that is, in communion and fidelity to Him to be a missionary, whether donating life, praying for missions or contributing to them.

Keywords: Missionary Spirituality. *Missio Dei*. Missionary Magisterium. Identity.

INTRODUÇÃO

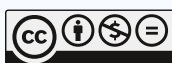
Três personagens importantes e singulares na história da Igreja nos inspiram ao escrevermos este texto. São já conhecidos dos meios e ambientes missionários, porque já colocados sobre os altares como padroeiros das missões: São Francisco Xavier, Santa Teresinha do Menino Jesus e a Venerável Pauline Jaricot.

Suas vidas já nos são conhecidas, e sua ligação com a Igreja missionária também. Sabemos que Francisco Xavier, com sua disponibilidade em ir, serve de inspiração e exemplo a quem deseja doar-se à missão, comprometendo toda a vida por esta causa, a ponto de ir a fronteiras longínquas, despojando-se das seguranças que o próprio lugar, a própria cultura e os próprios laços poderiam oferecer.

Já Santa Teresinha apresenta-se como modelo missionário de outro tipo, tão importante quanto aquele acima relatado. Ela, dando-se a Deus exclusivamente, consagrou a sua vida em uma clausura carmelitana e direcionou esta entrega pela Igreja e a sua fecundidade missionária, dando suporte oracional a quem, fora dos muros do convento e no mundo de fronteiras desconhecidas, pudesse testemunhar a fé. A oração, como a Pequena Flor do Carmelo ensina, é já missão!

E ainda, a Venerável Pauline Jaricot, sendo alcançada pelas notícias de missionários franceses em longínquas terras e sabendo das realidades que enfrentavam para anunciar a Boa Nova do Evangelho, além de mobilizar as amigas para rezarem por tais missionários, compreenderam que poderiam ser missionárias contribuindo com as missões. As doações faziam a missão acontecer e, ainda hoje, são através delas que a Providência Divina se faz presente nos lugares mais pobres e simples onde a Igreja se faz presente.

Mas porque recordamos destas três pessoas – e poderiam ser tantas mais aqui listadas? Porque se tornaram oficialmente padroeiros



ou inspiradores da Missão? Não! Isto seria pouco. Apesar de tantos exemplos concretos que cada um nos deixou, há um algo especial e fecundo que alimenta as suas vidas. Há um algo que une Francisco Xavier, Teresa do Menino Jesus e Pauline Jaricot que poderíamos identificar em sua espiritualidade... uma espiritualidade missionária.

É bem verdade que hoje, na atualidade do Magistério de Papa Francisco e no seguimento da vivência e das opções teológicas do Magistério Episcopal Latino Americano, a realidade da periferia, do eixo-fora do centro, se tornou um lugar teológico. É, de fato, como que um ponto de partida para a reflexão teológica e a missão. Assim explica o autor Adroaldo Palaoro, jesuíta: “Na vivência à missão, devemos ter sempre diante dos nossos olhos a pessoa de Jesus Cristo. Com sua vida e sua palavra, Ele descentraliza o mundo a partir da periferia, terra privilegiada, de onde podemos contemplar a história e a própria humanidade. Cada passo na direção das periferias do mundo também é um passo contemplativo em busca do encontro com o Senhor da História, que nos chama de ‘baixo’ e de ‘fora’”¹!

No entanto, o presente artigo se propõe mesmo acessar aquela mentalidade comum e muito atual, identificada a partir da observação do autor, que postula apenas ser suficiente uma relação com o Divino, com Jesus Cristo através dos momentos litúrgico, sacramentais e oracionais, sem que estes transbordem necessariamente em um compromisso ministerial, pastoral e missionária. A partir desta realidade tão comum encontrada em nossas paróquias e comunidades e recorrendo aos exemplos dos três personagens apenas citados, por este artigo pretende-se ajudar a refletir que uma madura relação discipular com Jesus Cristo, partindo do centro ou partindo da periferia, sempre precisará transbordar na missão.

1 ACOLHER UM DEUS QUE VEM, SEGUIR UM DEUS QUE VAI

Quando estamos à margem de um rio caudaloso, vemos um movimento de águas constantes. O rio desce e segue seu trajeto rumo ao oceano. Um pedaço de madeira ali lançado segue o mesmo destino. Se lançarmos um barco, ele seguirá a corrente... Se mergulharmos naquelas águas, também nós sairemos lá em baixo: a corrente das águas nos levará. Teremos entrado, seremos levados, sairemos de cena e o rio corrente continuará o seu percurso.

Relata os Atos dos Apóstolos que Paulo e Timóteo chegaram à Macedônia, instalando-se em Filipos, que era uma colônia romana. Diz-se que passaram ali alguns pares de dias. Em um sábado, ambos saíram pela porta da cidade em direção a um rio, onde pensavam que se pudesse fazer oração (Cf. At 16,13). Em alguma outra tradução, diz-se que buscavam um lugar onde encontrar oração. À margem de um rio! Ali, inspirados por aquela paisagem poderiam se retirar, refletir, meditar, salmodiar e levantar louvores a Deus. E, porque não, inspirados pelo movimento daquelas águas, pensarem-se alcançados pela graça de Deus, abraçados e carregados por Ele? Afinal, assim com um rio, Deus vem ao nosso encontro, acolhe-nos e nos carrega, levando-nos e enviando-nos.

1 Adroaldo PALAORO, *A Paixão pela missão nas periferias*, Acesso em <https://www.centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/espiritualidade/335-a-paixao-pela-missao-nas-periferias>.

1.1 Nosso Deus é Amor que vem!

Sabemos que a Igreja é, por sua natureza, missionária (AG 2). Este foi o desejo expresso de Nosso Senhor Jesus Cristo quando Ele, Ressuscitado, enviou a Igreja em missão: “Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19; cf. Mc 16,16). Mas, sendo essencialmente missionária, é interessante descobrir que não é a Igreja que tem uma missão, senão que é a missão quem tem uma Igreja.

De fato, “a origem da natureza missionária da Igreja encontra-se no amor fontal de Deus, na caridade de Deus”². A origem da missão é Deus. Ela brota do coração da Trindade, como Amor Fontal. Deus atua para fora de si criando, redimindo e santificando. Desde sempre, portanto, Deus sai de si, buscando realizar o Seu projeto de vida, e vida comunicada³. A Trindade é a fonte e a causa da missão:

A Igreja das origens, que vive muito da missão e se sente arrastada por uma dinâmica missionária, não conhece qualquer definição missionária puramente pastoral. Utiliza, pelo contrário, o conceito de ‘missiones’ para exprimir como a Trindade se abre, a partir de dentro, ao mundo, com o envio do Filho e do Espírito⁴.

Karl Barth, teólogo protestante, empenhou-se bastante em demonstrar que a origem da missão está ligada à essência mais profunda de Deus, que é Amor (cf. 1Jo 4,8). Karl Barth conclui, então, que a missão não é obra humana, mas divina. É até mesmo um atributo divino: Deus é um Deus missionário⁵.

David Bosch, uma referência importantíssima na Missiologia Atual, ensina que missão

designa primordialmente a *missio Dei* (missão de Deus), isto é, a autorrevelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e a atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a igreja tem o privilégio de participar. *Missio Dei* enuncia a boa nova de que Deus é um Deus-para/pelas-pessoas⁶.

A missão como revelação de Deus e de sua realidade mais profunda foi demonstrada de forma mais eminente e plena no envio do Filho para a salvação do mundo (cf. Jo 3,16). Jesus Cristo, o Filho de Deus, Sumo Sacerdote e Apóstolo do Pai (cf. Hb 3,1) se tornou o arquétipo e modelo de qualquer missão⁷. Ele, enviado do Pai, para revelar Deus, que é Amor. “Tudo o que podemos conhecer de Deus, aprendemo-lo graças à revelação de Cristo e à obra do seu Espírito em nós. Ele foi mandado ao mundo pelo Pai para salvar o mundo”⁸.

Panazzolo repercute que Jesus é o Único mediador, o revelador do mistério divino no mundo, ou seja, revelador do grande plano do amor divino, a missão de Deus – a *Missio Dei!* E como tal, o autor debruça-se sobre a pessoa de Jesus e vai lançando luzes sobre Ele: Jesus é o enviado do Pai, na força do Espírito Santo; Jesus fala do Pai; Jesus reza; Jesus ensina a rezar; Jesus promete e envia o Espírito Santo; Jesus chama e envia em missão⁹.

2 CNBB, *Programa Missionário Nacional*, p.29.

3 Cf. João PANAZZOLO, *Missão para todos. Introdução à Missiologia*, p.13.

4 Giampetro DAL TOSO, *A missão na Trindade, origem da missio da Igreja*, p.58.

5 Cf. David BOSCH, *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, p.466-470.

6 David BOSCH, *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, p.28.

7 David BOSCH, *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, p.59.

8 Giampetro DAL TOSO, *A missão na Trindade, origem da missio da Igreja*, p.61.

9 Cf. João PANAZZOLO, *Missão para todos. Introdução à Missiologia*, p.35-50.

De tudo isso se conclui que a grande paixão de Jesus foi o Pai e que, portanto, a nossa grande paixão também deve ser Ele: o Pai no mais íntimo de nosso coração. A intimidade de Jesus com o Pai é modelo de nossa relação de confiança filial, de ternura e carinho com Ele. “Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos céus” (Mt 18,3), isto é, se do fundo do nosso coração não soubermos chamar a Deus de Pai não entraremos no Reino dos Céus.

Foi a partir dessa intimidade que Jesus nos manifestou o plano do Pai, o plano salvífico do Pai. E qual é esse plano? Que o Pai seja tudo em todos. Só assim todos seremos felizes como o Pai é feliz. É isso que constitui de fato o Reino de Deus: Deus Pai tudo em todos (cf. 1Cor 15,28). E o quanto necessitamos de um Pai... de um Pai que também é Mãe (cf. Is 49,15)¹⁰!

O encontro com Jesus Cristo, então, é algo essencial para a vida cristã. É a condição imprescindível para se descortinar ao homem, seja no coletivo e como no singular, todo aquele plano divino: “De tal modo Deus amou o mundo, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Deus não faz acepção de pessoas; Ele é para todos, sem exclusão alguma (cf. At 10,34-35; Rm 2,11; Tg 2,1): todos são convidados a estarem com Ele, entrarem em Sua intimidade, permanecerem em Seu Amor (cf. Jo 9,15).

1.2 Jesus, Revelador do Amor do Pai

Foi o Papa Bento XVI quem escreveu, de forma tão clara, o que já compreendíamos sobre o início e toda a vida cristã. Disse ele:

Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo (DCE 1).

Em ambiente latino americano, os Bispos reunidos em Assembleia Episcopal em Aparecida reafirmaram esta realidade e foram ainda mais incisivos, pois atrelaram à experiência do encontro com Jesus à decisão de anuncia-Lo; a compasso daquela mesma opção encontrada no Senhor, de um cuidado particularmente especial para com os pobres e marginalizados, em tensão libertadora¹¹:

Necessitamos de um novo Pentecostes! Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de sentido, de verdade e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas é urgente ir a todas as direções, para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertos e salvos pela vitória pascal do Senhor na história, que Ele nos convoca em igreja e quer multiplicar o número de seus discípulos na construção do seu reino em nosso Continente (DAp 548)!

Partir de Cristo. Partir do encontro com Ele. Re-partir d'Ele. Há aqui uma centralidade sublinhada na qual não se pode ignorar: a vida cristã gira em torno de Jesus Cristo e acontece a partir d'Ele. “A fé cristã é, primeiramente, acolhimento do amor de Deus revelado em Jesus Cristo, adesão sincera à sua pessoa e uma livre decisão de caminhar em seu seguimento”¹².

¹⁰ João PANAZZOLO, *Missão para todos. Introdução à Missiologia*, p.50.

¹¹ Faz-se, aqui, referência a toda a caminhada da Igreja Latino-Americana com suas Conferências Episcopais (Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo) e seus profetas e mártires.

¹² PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n.18.

Este encontro com Jesus Cristo somente é possível porque o Seu Espírito, derramado sobre a Igreja desde lá em Pentecostes e hoje e continuamente, o permite e o promove. O Papa Paulo VI vem ensinar que não seria possível haver evangelização senão sob a ação do Espírito Santo, que desceu sobre Jesus de Nazaré, conduzindo-O em todo o Seu caminhar e no anunciar do Seu Reino; quando ia ao encontro dos pecadores, dos pobres e de todas as pessoas, naquelas periferias geográficas e existenciais; e também ali, na Cruz, quando se cumpriam as Escrituras. Ali o Espírito de Cristo foi derramado sobre a Humanidade. Mais tarde, segundo o Papa, este mesmo Espírito manifestou-se entre os discípulos e os apóstolos, enchendo-os de coragem para partirem em todas as partes do mundo (EN 75).

Ele é a alma desta mesma Igreja. E ele que faz com que os fiéis possam entender os ensinamentos de Jesus e o seu mistério. Ele é aquele que, hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam afim de a tornar aberta e acolhedora para a Boa Nova e para o reino anunciado (EN 75).

Sendo o protagonista principal da evangelização, o Espírito Santo é aquele que impele a anunciar o Evangelho e também é aquele que prepara o íntimo das pessoas para acolher esta Palavra (EN 75); e não só como Palavra, mas como Pessoa, Jesus Cristo, Ressuscitado, como ensinou Papa Bento XVI.

É o Espírito quem nos faz reconhecer em Jesus de Nazaré o Senhor (cf. 1Cor 12,3), que faz ouvir o chamado ao seu seguimento e nos identifica com Ele: ‘Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo’ (Rm 8,9). É Ele quem, fazendo-nos filhos no Filho, testemunha a paternidade de Deus, faz-nos conscientes da nossa filiação e nos concede a audácia de chamá-lo ‘Abá, ó Pai’ (Rm 8,15). É Ele quem infunde o amor e gera a comunhão.

A missão de Deus, a *Missio Dei*, qual um rio, na plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4) manifestou-se na Encarnação, Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo e na vida da Igreja, que é seu Corpo. Ele é, na ação do Espírito Santo, a fonte que nasce e manifesta água pura, vida em plenitude para que todos que se aproximam e matam sua sede. E esta notícia deve se espalhar.

2 A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ É, POR ELA MESMA, ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA

O Papa João Paulo II ensina que a espiritualidade missionária se refere diretamente a Jesus Cristo. Quer dizer, portanto, que a espiritualidade missionária é a espiritualidade cristã: experiência cristã e ardor missionário são, portanto, relativos um ao outro e devem ser praticamente compreendidos como sinônimos (RM 88). Por sua vez, o Papa Francisco ensina que a vida é missão (EG 15) e por isso, o que toca à vida cristã, toca também à consciência e espiritualidade missionárias.

A espiritualidade que deve alimentar cada fiel é a do seguimento à pessoa de Jesus Cristo. E por espiritualidade entende-se uma vida animada pelo Espírito, a partir daquele encontro com Jesus que é decisivo. Deste encontro com Ele descortina-se um convite de discipulado, de configuração e de missionariedade (PMN p.36). “Nota essencial da espiritualidade missionária é a comunhão íntima com Cristo: não é possível compreender e viver a missão, senão na referência a Cristo, como Aquele que foi enviado para evangelizar” (RM 88).

2.1 Encontrar-se com Cristo, ser seu Discípulo e configurar-se a Ele

Já foi dito que o início da vida cristã está no encontro com Jesus Cristo vivo, ressuscitado, presente no mundo através de sua Igreja. Este encontro dá novo sentido à vida de cada homem e de cada mulher.

Este encontro vem acompanhado de um convite de seguimento: Vem e segue-me (cf. Mt 19,21). O Vinde e Vede (cf. Jo 1,38) que Nosso Senhor fala àquele que lhe perguntara onde habitava, é um mesmo convite feito a cada um que foi encontrado por Ele. Vinde e vede. Começa aí um caminho de seguimento que poderia ser chamado de discipulado ou de iniciação à Vida Cristã, já que assim vai se buscando aprender sobre a fé e a viver conforme os ditames desta mesma fé.

A evangelização é um processo eclesial, inspirado e sustentado pelo Espírito Santo, por meio do qual o Evangelho é anunciado e se espalha pelo mundo. No processo de evangelização, a Igreja:

- Impulsionada pela caridade, impregna e transforma toda a ordem temporal, assumindo as culturas e oferecendo a contribuição do Evangelho para que possam ser renovadas a partir de seu interior;
- Aproxima-se de todos com atitude de solidariedade, coparticipação e diálogo, assim dando testemunho da novidade da vida cristã, para aqueles que os encontram possam ser provocados a se interrogar sobre o significado da existência e sobre as razões de sua fraternidade e esperança.
- Anuncia explicitamente o Evangelho por meio do primeiro anúncio, chamando à conversão;
- Inicia à fé e à vida cristã, mediante o itinerário catecumenal (catequeses, sacramentos, testemunho de caridade, experiência fraternal), aqueles que se convertem a Jesus Cristo, ou aqueles que retomam o caminho de seu seguimento, incorporando alguns e reduzindo outros à comunidade cristã;
- Mediante a educação permanente da fé, a celebração dos sacramentos e o exercício da caridade, alimenta nos fiéis o dom da comunhão e suscita a missão, enviando todos os discípulos de Cristo para anunciar o Evangelho no mundo, com obras e palavras¹³.

O culmine deste caminho discipular é a missão, que compreendida em termos de *Missio Dei*, é a colaboração da Igreja e de cada fiel ao agir missionário mesmo de Deus. O discípulo, a compasso dos ensinamentos de Nosso Senhor e aberto à ação do Espírito Santo vai se tornando configurado a Cristo, esvaziado de si tal como Ele, escolhendo os encontros com os pobres e mais pobres e pecadores, e para que Ele enfim, continue Sua missão. Esta é, segundo o Papa João Paulo II, o elemento mais característico da Espiritualidade Missionária.

Tal espiritualidade exprime-se, antes de mais, no viver em plena docilidade ao Espírito, e em deixar-se plasmar interiormente por Ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a Sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito. A docilidade ao Espírito permitirá acolher os dons da fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária (RM 87).

O Papa Francisco, em uma recente catequese sobre os sacramentos, ensinou que “o batismo permite que Cristo viva em nós e a nós que vivamos unidos a Ele, para colaborar na Igreja, cada um segundo a própria condição, para a transformação do mundo”. Ao ser batizado, então, torna-se um missionário. E mais, ele ainda explicou que “o Batismo

13 DIRETÓRIO PARA A CATEQUESE, n.31.

‘cristifica-nos’, quem recebeu o Batismo e é ‘cristificado’ assemelha-se a Cristo, transforma-se em Cristo, tornando-se deveras outro Cristo”¹⁴.

2.2 A Espiritualidade Missionária no recente Magistério Pontifício

Mesmo sendo claro que a espiritualidade cristã se refere à uma espiritualidade missionária, no sentido de que, ao alimentar a fé e a relação com Cristo Jesus, torna-se Seu discípulo e vai assumindo os Seus mesmos sentimentos (cf. Fl 2,5-8), ‘cristificando-se’, ‘tornando-se outro Cristo’ e por isso, sendo missão. Mesmo assim, há algo que poderíamos identificar como característicos de uma espiritualidade missionária.

O Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja, ao reconhecer que a caridade de Deus Pai, Princípio sem Princípio, é a fonte da missão já ancora em realidades espirituais o próprio agir missionário (AG 2). O próprio Deus Trinitário flui para o mundo, a fim de nos abrir o caminho da salvação¹⁵. Sendo assim, o missionário tem a que ver com uma espiritualidade autêntica, honesta e fecunda, no sentido de cultivo mesmo de intimidade. Pois, “o enviado entra, portanto, na vida e missão d’Aquele que ‘a si mesmo se aniquilou tomando a forma de servo’ (Fl 2,7). Por conseguinte, deve estar pronto a perseverar toda a vida na vocação, a renunciar a si e a todas as suas coisas, e a fazer-se tudo para todos” (AG 24). Para tanto, a vida espiritual deverá ser terreno fértil para o cultivo das características e qualidades do missionário e ser alimentada e promovida missionariamente já desde o tempo da formação. “Cheio de fé viva e esperança indefectível, o missionário seja homem de oração” (AG 25).

Algum tempo depois do evento conciliar, o Papa Paulo VI convoca um Sínodo dos Bispos sobre o tema da Evangelização. As reflexões dos padres sinodais deram-lhe elementos importantes para que ele escrevesse a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. E nela, além de profundas reflexões e direcionamentos, abordou a temática do Espírito da Evangelização, no capítulo VII do documento. E dentre os primeiros elementos desta dimensão, o Paulo VI sublinha a precedência ativa do Espírito Santo na atividade missionária. “Nunca será possível haver evangelização sem ação do Espírito Santo” (EN 75). Desde Sua ação sobre a pessoa de Jesus Cristo em todo o correr da vida encarnada do Filho, até à Epifania do Espírito no Cenáculo e Seu preenchimento na vida da Igreja, o Espírito Santo agiu e age. “Ele é alma desta Igreja” (EN 75). E assim, Paulo VI ensina que será Ele a fazer entender os ensinamentos de Jesus, agindo através da Igreja, conduzindo missionários e missões, encontros e aberturas. O Sumo Pontífice vem ainda exortar que “as técnicas de evangelização são boas, obviamente; mas, ainda as mais aperfeiçoadas não poderiam substituir a ação discreta do Espírito Santo” (EN 75).

Desde este ensino explícito de que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização, Paulo VI lança um olhar sobre os missionários e missionários, convidando-os à uma abertura a este Espírito para tornarem-se testemunhas autênticas (EN 76), artífices da unidade (EN 77), servidores da verdade (EN 78), animados pelo amor (EN 79) e seguindo os exemplos fervorosos dos santos (EN 80).

Ouve-se repetir, com frequência hoje em dia, que este nosso século tem sede de autenticidade. A propósito dos jovens, sobretudo, afirma-se que eles têm horror ao fictício, aquilo que é falso e que procuram, acima de tudo, a verdade e a transparência.

¹⁴ FRANCISCO, Audiência Geral, 11 de abril de 2018. Acesso em: www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2018/documents/papa-francesco_20180411_udienza-generale.html

¹⁵ Giampetro DAL TOSO, *A missio na Trindade, origem da missio da Igreja*, p.60.

Estes ‘sinais dos tempos’ deveriam encontrar-nos vigilantes. Tacitamente ou com grandes brados, sempre porém, com grande vigor, eles fazem-nos a pergunta: Acreditais verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo em que acreditais? Pregais vós verdadeiramente aquilo que viveis?

Mais do que nunca, portanto, o testemunho da vida tornou-se uma condição essencial para a eficácia profunda da pregação. Sob este ângulo, somos, até certo ponto, responsáveis pelo avanço do Evangelho que nós proclamamos (EN 76).

Celebrando os 25 anos do Decreto Conciliar *Ad Gentes* e os 15 anos da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o Papa João Paulo II escreveu outro importante documento missionário: a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*. Assim como Paulo VI, João Paulo II dedicou um capítulo inteiro para abordar os temas específicos acerca da Espiritualidade Missionária. E ele, por sua vez, confirma o protagonismo do Espírito Santo mas atribui-Lhe uma responsabilidade e obra até então não explorada: o missionário “deveria viver em plena docilidade ao Espírito, deixando-se plasmar interiormente por Ele, para se tornar mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a Sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito. A docilidade ao Espírito permitirá acolher os dons da fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária” (RM 87). Para o Papa João Paulo II, o missionário deveria viver o mistério de Cristo enviado de tal forma que encarnasse as características apostólicas d Ele (RM 88), amando a Igreja e os homens como Ele amou (RM 89) e buscando uma santidade de vida que fosse eloquente por ela mesma, pois mesmo que não houvesse possibilidade de pregar o Evangelho e mesmo fadado ao silêncio, a vida do missionário evangelizaria por si (RM 90).

O Papa Bento XVI não dedicou um documento especificadamente à questão missionária, mas deu importantes contribuições para esta reflexão através de outros documentos, das Mensagens para o Dia Mundial das Missões e através das suas Catequeses. Porém, de forma tão especial e próxima a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe, em Aparecida – Brasil, no ano de 2017 se tornou ocasião para importantes reflexões. Por causa do teor tão missionário desta V Conferência, o Papa Bento XVI apontou diversos pontos, ressaltando sempre a primazia do encontro com Jesus como início de vida cristã – o que ele já havia apontado em sua primeira Encíclica *Deus Caritas Est*, e da importância de compreender a identidade missionária da Igreja, já que a missão é paradigma de toda atividade eclesial¹⁶. Na homilia de abertura para a V Conferência, ele ensinou que a Igreja é discípula e missionária do Amor revelado por Cristo, missionário do Pai e que a Igreja não faz proselitismo, mas cresce por atração, pois está associada a Cristo que atrai para si com a força de Seu amor¹⁷. Indispensável para uma vida cristã missionária fecunda, o Pontífice defende que “é necessário educar o povo para a leitura e a meditação da Palavra de Deus: que ela se transforme no seu alimento para que, pela sua própria experiência, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. Jo 6,63). Caso contrário, como poderão anunciar uma mensagem, cujo conteúdo e espírito não conhecem profundamente? Temos que fundamentar o nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus”¹⁸. Para ele, o cultivo de uma

16 Cf. BENTO XVI, Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2012. Acesso em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/missions/documents/hf_ben-xvi_mes_20120106_world-mission-day-2012.html

17 Cf. BENTO XVI, Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, 2007. Acesso em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html

18 BENTO XVI, Discurso na Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência, 2007. Acesso em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html

espiritualidade que evidencie a centralidade de Jesus Cristo, do início ao fim da vida de um fiel, através da Liturgia e dos Sacramentos, do contato com a Palavra de Deus, da vivência comunitária e a serviço dos necessitados é essencial para que a missão aconteça.

O Papa Francisco, por sua vez, iniciou o seu pontificado colocando balizas e chaves missionárias bem claras e evidentes. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* abordou acerca do anúncio do Evangelho no mundo atual e evidenciou a urgência da Igreja compreender-se em saída, em movimento e em missão. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1). Também neste documento há um capítulo, o Capítulo V, no qual ele aborda elementos de uma espiritualidade missionária. Segundo ele, os evangelizadores devem se abrir sem medo à ação do Espírito Santo, pois foi assim que Ele, como protagonista da missão, sempre atuou na vida da Igreja desde os inícios.

o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente. Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus (EG 259).

Confirmando a atuação protagonista e prioritária do Espírito Santo, o Papa Francisco arguiu, tal qual Bento XVI, que o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva é a primeira grande motivação missionária (EG 264) e é o que preenche de alegria e brilho a vida do missionário (EG 2-3). Para isso, o exercício de uma vida de oração sincera, colocando-se diante de Nosso Senhor, em contato com os Sacramentos e a Sua Palavra, encontrada nas Sagradas Escrituras, nos eventos da História, e entre os pobres. Também, o Santo Padre indica que outra fonte desta espiritualidade missionária é o reconhecer-se povo, estando em meio a ele, fazendo-se um com ele, tendo prazer espiritual em ser povo (EG 271). É, segundo ele, uma aproximação às chagas do Senhor, tocando-as porque ainda estão abertas, quando tocamos a miséria humana (EG 270). Para tal, para tocar as misérias do humano e não se prejudicar por elas, mas servir e transformá-las, curando-as, o missionário professa uma fé na sutil naquela ação silenciosa e misteriosa do Ressuscitado e do Seu Espírito. Segundo ele, “a Ressurreição não é algo do passado, mas tem uma força de vida que penetrou no mundo (...). É uma força sem igual” (EG 276). Enfim, completa a sua exposição sobre temas referentes à uma Espiritualidade Missionária referindo-se a São Paulo como grande intercessor, além de missionário e pregador. Segundo ele e o exemplo do Apóstolo, a intercessão é uma das formas de oração que não distancia da realidade, mas ao contrário, faz o missionário emergir ainda mais naquela situação para ‘fazê-la crescer’ aos olhos e no coração de Deus, pois “a intercessão é como ‘fermento’ no seio da Trindade” (EG 283).

2.3 A Espiritualidade Missionária nas atuais Diretrizes Gerais para Ação Missionária da Igreja do Brasil 2019-2023 e no Programa Missionário Nacional 2019-2023

As atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 são de grande teor missionário. O seu objetivo geral é marcadamente missionário, pois aponta à evangelização neste país cada vez mais urbano, pelo anúncio da palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Nosso Senhor, formando comunidades eclesiais missionárias, coerentes com a opção evangélica pelos mais pobres, no cuidado da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus (DGAE 2019-2023 p.13), “que não é comida e bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo (cf. Rm 14,17).

As Comunidades Eclesiais Missionárias, objetivo concreto das DGAE 2019-2023 e contrastantes nesta atual realidade individualista, foram propostas a partir da imagem da Casa, para promover um ambiente de lar, propício como é a relacionamentos saudáveis e vitais. Esta Igreja nas Casas, tendo a casa como ilustração “é a imagem de maior proximidade às pessoas, o lugar onde vivem, mesmo àquelas que só têm a rua como casa. Ela indica a proximidade relacional entre as pessoas que ali convivem. Indica igualmente a necessidade da Igreja se fazer cada vez mais presente nos locais onde as pessoas estão, seja onde for” (DGAE 2019-2023, 6). Assim, a imagem de uma casa com suas colunas foi então apresentada para ilustrar este objetivo eclesial: o pilar da Palavra, contemplando a iniciação à vida eclesial e a animação bíblica da vida e da pastoral; o pilar do Pão, apresentando a liturgia e a espiritualidade como espaço de fortalecimento; o pilar da Caridade, a serviço à vida plena e o pilar da Ação Missionária, entendendo que a Igreja precisa se autocompreender em estado permanente de missão.

No tocante ao pilar do Pão, onde frizam-se a liturgia e a espiritualidade como espaços de restauração e fortalecimento, identifica-se a necessidade de o fiel cristão missionário acessar constantemente esta força provinda do encontro e da unidade com Jesus Cristo e o Espírito Santo, através da vida eucarística, sacramental e comunitária (DGAE 2019-2023, 93). A Palavra de Deus com sua centralidade vai normatizando a vida da comunidade, pois apresenta Jesus Cristo como o orante por excelente e a Sua oração como paradigma de toda oração (DGAE 2019-2023, 95). Esta oração é iluminadora para a vida da Igreja, pois da contemplação parte-se à ação, como Jesus ensinou; no entanto

na pastoral, é preciso superar a ideia de que o agir já é uma forma de oração. Quando confundimos agir com rezar, chegamos a abreviar ou dispensar os tempos de oração e de contemplação. Quando reduzimos tudo ao fazer, corremos o risco de nos contentar apenas com reuniões, planejamentos e eventos. Estes são importantes no cotidiano pastoral, mas não substituem a vida de oração. Ao contrário, devem decorrer dela e a ela conduzir (DGAE 2019-2023, 97).

Esta espiritualidade de seguimento a Jesus, que vive da intimidade com Ele e a partir d'Ele, inspira missão, cuidado e compaixão é a que se pode identificar no rol dos santos e beatos desta Igreja do Brasil: São José de Anchieta, no encontro com os indígenas; Santa Dulce dos Pobres, a serviço dos mais necessitados; Santa Paulina, cuidadora dos escravos libertos e deixados à própria sorte; Beata Nhá Chica, intercessora e catequista de tantas pessoas (DGAE 2019-2023, 98)... Todos partem de uma profunda experiência de fé e de comunidade cristã e transbordam em uma “saída efetiva do seu lugar ao lugar onde o outro se encontra” (DGAE 2019-2023, 99).

O Programa Missionário Nacional 2019-2023 (PMN), documento que nasceu ao lado das DGAE 2019-2023 e a ela está intimamente ligado, contempla algumas de suas páginas ao tema da Espiritualidade Missionária. Mais especificadamente, o PMN une a reflexão missiológica à espiritualidade para iluminar, lançando luzes sobre as realidades e os desafios que se apresentam à Igreja e para propor prioridades, atividades e ações missionárias. Naquelas páginas, o PMN confirma que espiritualidade é vida animada pelo Espírito e que desde o encontro com Jesus, decisivo, dão-se passos de discipulado, configuração a Cristo e envio ao mundo. E ensina, reassumindo e sintetizando tudo o que foi dito até agora pelo Magistério Missionário Pontifício e pela Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil, isto é, que a espiritualidade missionária alimenta-se da escuta da Palavra de Deus, da docilidade ao impulso do Espírito Santo, da vida sacramental, da vivência eucarística em comunidade, da caridade apostólica, do testemunho profético – inspirado em quem ofereceu sua vida, da santidade de vida, da abertura à universalidade da missão e da fidelidade a Deus, a exemplo de Maria (PMN p.36-41).

CONCLUSÃO

O Papa Francisco, em uma de suas mensagens para o Dia Mundial das Missões, foi cirúrgico e direto: “A missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas”. E completou:

Quando nos detemos em oração diante de Jesus crucificado, reconhecemos a grandeza do seu amor, que nos dignifica e sustenta e, simultaneamente, apercebemo-nos de que aquele amor, saído do seu coração trespassado, estende-se a todo o povo de Deus e à humanidade inteira; e, precisamente deste modo, sentimos também que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado e de todos aqueles que O procuram de coração sincero. Na ordem de Jesus – ‘Ide’ –, estão contidos os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja. Nesta, todos são chamados a anunciar o Evangelho pelo testemunho da vida¹⁹.

Há, nitidamente uma importância singular da vida espiritual para que a Missão de Deus, a *Missio Dei*, que é Amor que transborda sobre a humanidade, se realize alcançando as pessoas e a humanidade inteira através de quem se dispõe a acolher este transbordamento. A espiritualidade é como seiva de vida que norteia a existência do cristão. E este, apaixonando-se por quem lhe amou por primeiro (cf. Rm 8,5), acaba por testemunhar a fé cristã, com obras e com palavras, partilhando a vida para gerar mais vida.

Esta dinâmica da missão que nasce do Amor Infinito e Incondicional de Deus, que envia, irradia, expande, dilata, transborda e se difunde, alcança as pessoas e as convida à Sua intimidade, ao Seu seguimento e à Sua colaboração. Todos são envolvidos neste movimento de Amor que é recebido, vivido e compartilhado. E cada um o faz a seu modo, seguindo sua vocação e estado de vida.

Quando este artigo começava a ser escrito, três personagens foram recordados: São Francisco Xavier, Santa Teresinha do Menino Jesus e a Venerável Pauline Jaricot. Sem dúvida alguma, todos os três fizeram a mesma e única experiência, própria de uma honesta espiritualidade cristã e missionária: desde um encontro com Jesus, a decisão de empreender um caminho de discipulado, cuja abertura ao Espírito configurasse o fiel a Nosso Senhor e por fim, ocorresse o envio. Mas cada um dos apenas citados, foi missionando a seu modo, segundo o próprio estado de vida que abraçou. Todos, no

¹⁹ FRANCISCO, Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2015. Acesso em: www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20150524_giornata-missionaria2015.html

entanto, missionários... porém cada um a seu modo!

Assim, podemos ver São Francisco Xavier doando a sua vida em fronteiras geográficas e existenciais no território asiático; e encontramos Santa Teresinha enclausurando-se num Carmelo e oferecendo suas orações pela Igreja Missionária; por fim, vemos outra jovem francesa, Pauline Jaricot, reunindo suas amigas para rezarem, oferecerem sacrifícios e recolherem doações para os missionários em terras distantes. Assim, a vida doada, as orações feitas e as doações entregues são três formas diferentes de colaboração missionária que expressam, por sua vez, a única e mesma identidade missionária.

Conclui-se, portanto, que é permanecendo no Amor do Senhor (cf. Jo 15,9) que se produzem os diversos e numerosos frutos missionários. E foi o que disse Jesus, afirmando que “quem crê em mim. Conforme diz a Escritura: do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7,38). E Ele ainda completa: “quem crê em mim, fará as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas” (Jo 14,12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI. Discurso na Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência, 2007. Acesso em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html . Visto em 18 de setembro de 2021.
- BENTO XVI. Encíclica *Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BENTO XVI. Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, 2007. Acesso em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html Visto em 09 de setembro de 2021.
- BENTO XVI Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2012. Acesso em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/missions/documents/hf_ben-xvi_mes_20120106_world-mission-day-2012.html Visto em 15 de setembro de 2021.
- BOSCH, DAVID. *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 2002.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CNBB. *Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: Ed CNBB, 2019.
- CNBB. *Programa Missionário Nacional*. Brasília: Ed. CNBB, 2019.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus-Paulinas, 2008.
- DAL TOSO, Giampetro. *A missio na Trindade, origem da missio da Igreja, Batizados e Enviados – A Igreja de Cristo em missão no mundo*. Milano: San Paolo, 2019.
- FRANCISCO. Audiência Geral, 11 de abril de 2018. Acesso em: www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180411_udienza-generale.html Visto em 16 de setembro de 2021.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO. Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2015. Acesso em: www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20150524_giornata-missionaria2015.html Visto em 10 de setembro de 2021.
- João Paulo II. Carta Encíclica *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- PALAORO, Adroaldo. *A Paixão pela missão nas periferias*, 2013. Acesso em <https://www.centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/espiritualidade/335-a-paixao-pela-missao-nas-periferias> Visto em 15 de novembro de 2021.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos. Introdução à Missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.

PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 201122.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2020.